



ARU

Portimão

Componente Património Cultural
|Arqueológico | Edificado| Imaterial

No âmbito da cooperação do Museu de Portimão com a Divisão de Regeneração Urbana, responsável pela Área de Reabilitação Urbana (ARU) de Portimão realizou-se um levantamento e análise das ocorrências patrimoniais inseridas na área em apreço, tanto de âmbito arqueológico, edificado e imaterial¹. Este carácter abrangente da análise proposta possui o objectivo de compreender a evolução histórica e arquitectónica de Portimão, intimamente relacionada com os condicionalismos geográficos, os recursos disponíveis e as condições político-sociais do país.

Deve-se referir que o início da ocupação humana no território onde hoje se localiza a cidade de Portimão remonta à Pré-história, tal como nos indica a presença nesta localidade de cinco machados de pedra polida, peças reveladoras de contextos do Neolítico e Calcolítico. O achado destes artefactos no interior da vila é relatado por Estácio da Veiga em 1887, na sua obra “Antiguidades Monumentaes do Algarve”. No mesmo período cronológico insere-se o hipogeu escavado no calcário situado na Rua Dr. Ernesto Cabrita (CNS 18698, IMOA326)². Este monumento de carácter funerário data do Calcolítico, situando-se do lado Poente da rua indicada, numa área junto à muralha medieval.

De igual forma, denota-se a presença em Portimão de vestígios referentes à ocupação à Idade do Bronze, nomeadamente do seu período final. Estes encontram-se consubstanciados numa sepultura individual, provavelmente integrada numa necrópole colectiva, da qual se recolheram dois vasos cerâmicos e alguns vestígios osteológicos (CNS 06424, IMOA286). Esta sepultura foi descoberta no início do século XX, tendo estes materiais sido depositados no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa.

Apesar de, até ao momento, não possuímos evidências materiais de ocupação da Idade do Ferro na área em apreço, no entanto esta localidade deveria estar ocupada pela população indígena. A localização de *Portus Hannibalis*, localidade romana citada pelo escritor latino Pompónio Mela, ainda não se encontra assegurada. Poderá corresponder a uma povoação marítima com uma boa zona portuária, cujo nome indígena tenha sido substituído durante o período dos Bárcidas, provavelmente localizada em Portimão. *Portus Hannibalis* corresponderia a um centro portuário romano sem o estatuto de cidade, pertencendo ao território de *Silpes* (Silves) e aparentemente englobado na área de *Lacobriga* (Lagos) numa altura indeterminada. O núcleo antigo de Portimão corresponderia, em época romana, a uma área residencial, tal como nos demonstram as referências existentes a presença de mosaicos e estruturas.

¹ O levantamento do Património Cultural Imaterial encontra-se em fase de desenvolvimento.

² Os sítios arqueológicos referenciados no texto encontram-se descritos em maior detalhe nas fichas em anexo.

As condições naturais existentes na área de Portimão, nomeadamente a presença de peixe de variadas espécies e em abundância, as condições climatéricas vantajosas para a extracção de sal e os bons portos no estuário do rio, favoreceram o florescimento de actividades relacionadas com a exploração e comercialização de preparados piscícolas. A proximidade a aglomerados urbanos (*Ipses /Vila Velha Alvor, Lacobriga, Silpes*) terá tido também a sua influência na escolha do local, denotando-se uma concentração de estruturas de exploração dos recursos marinhos nos arredores destes locais. Esta situação é visível em Portimão, onde existem referências à presença de uma série de tanques de salga de época romana, localizados entre o forte de St.^a Catarina e a Capitania do Porto. Desta forma, podemos verificar que nesta área se localizavam as actividades produtivas deste aglomerado, bem como uma das áreas de necrópole, habitualmente situadas junto às vias de acesso.

No que diz respeito à Antiguidade tardia dispomos de dados que nos permitem verificar a ocupação da área envolvente de Portimão, mais concretamente nas *villae* de Montemar (Praia da Rocha) e de Vale da Arrancada, denotando-se a manutenção de hábitos característicos de época romana.

Quanto à presença muçulmana na cidade não existem vestígios, embora o facto de Portimão ser ponto obrigatório na passagem via fluvial para Silves e a existência de uma alcaria³ no morgado de Arge, bem como uma pequena fortificação no morgado do Reguengo (Castelo Belinho), deixam a entender que a zona de Portimão não ficou à margem da ocupação islâmica.

Enquanto núcleo urbano moderno, poder-se-á dizer que Portimão é relativamente recente, quando comparado com as vizinhas Lagos, Alvor ou Silves. No entanto, a sua localização privilegiada, numa confluência entre terra e mar, e o assoreamento do Arade em Silves, proporcionou com que a presença humana fosse crescendo ao longo do século XV, com a importância do povoado a ser reconhecida com a promoção a vila e sua entrega a donatários por volta da segunda metade do dito século, acabando por se desanexar do termo de Silves, aquando da atribuição de foral em 1504 por D. Manuel I.

Para aquilatar dessa crescente importância, temos a decisão de D. Afonso V em muralhar o núcleo urbano. Esta cinta defensiva tinha forma de um polígono irregular, tendo como principais entradas:

³ Pequeno povoado de âmbito rural.

- Porta da Ribeira: Ficaria localizada no topo oeste da rua Júdice Fialho (lado do rio). Era a porta de entrada de todos os produtos e pessoas provenientes do rio e do mar.
- Porta de S. João: Esta porta ficaria localizada onde hoje é o início da Rua Direita (Farmácia Dias). Era por aqui (tal como ainda hoje) que seguia a estrada para Alvor.
- Porta da Serra: Por aqui, seguia o caminho para Monchique, servindo também como uma espécie de entreposto dos produtos que vinham do meio rural. Ficaria onde hoje a Rua da Igreja e a Rua da Porta da Serra confluem.

Para além destas portas, a muralha era também constituída por entradas de menores dimensões, denominadas de postigos. Localizavam-se no que será hoje em dia o início da R. de Santa Isabel (postigo de Santa Isabel) comunicando com o rio, no que será hoje o Largo Francisco Maurício (postigo dos Fumeiros) e em frente à Igreja Matriz (postigo da Igreja, cuja localização está assinalada por placa no local).

De notar que toda a malha urbana presente dentro das muralhas teve o seu desenvolvimento marcado pela limitação de espaço, levando a que as ruas tenham um traçado estreito e sinuoso, na tentativa de maximizar ao máximo o espaço e o relevo, mostrando também que a pressão demográfica era de algum significado.

De facto, todo este núcleo urbano era de um pulsar enorme, detendo todas as grandes funções administrativas (câmara, alfândega, casa da portagem, prisão) e económicas. Até aos inícios do século XX, este era o coração económico e administrativo de Portimão, com todos os importantes comerciantes aqui estabelecidos, ao que acresce os vários escritórios de despachantes, actividade em alta com o grande tráfego de navios que acorriam ao nosso porto, fazendo do comércio o grande garante da vila de então. Esse comércio tinha por base muito dos produtos autóctones como figo, vinho, amêndoa ou alfarroba, produzidos não só no seu termo, mas também nos concelhos limítrofes. A componente industrial também era bastante forte, com a presença de inúmeros fumeiros e também das moagens de Luiz António Maravilhas. Outra mostra de importância é a quantidade de igrejas que presentes nos seus limites, contando-se quatro templos (Igreja Matriz, do Compromisso Marítimo, de Santa Isabel e da Senhora da Tocha).

O fulgor económico das suas primeiras décadas fez com que a vila depressa alargasse os seus limites para fora das muralhas, com a construção da Igreja do Colégio no século XVII a atestar da expansão

urbana, formando-se também uma série de novos arruamentos que compreendidos entre as actuais ruas Diogo Tomé e Manuel José d'Alvor. Aliás, toda esta expansão já está presente na cartografia elaborada por Alexandre Massai no século XVII, com os limites da vila delineados pelo engenheiro militar italiano a corresponderem, grosso modo, aos da ARU proposta.

Outro pólo que surgiria também, seria o do bairro do “Sapal”, embora não o casario actual, pois o original foi destruído aquando do Grande Terramoto de 1755. Junto ao sapal, estavam também localizadas as salinas, importante fonte de rendimento da vila. Também nesta zona, a importante família Bívar construiria o seu palácio (hoje Paços do Concelho) nos finais do século XVIII. Esta era a segunda construção do género, depois de anos antes a família Sárrea ter construído o seu palacete, hoje Teatro Municipal de Portimão.

Aliás, estes três núcleos urbanos, em especial o “intra-muralhado”, são um grande espelho da importância a que os seus mais abastados moradores se proporcionavam. Há toda uma série de pequenas afirmações de riqueza através de uma série de casas de dois pisos, ornamentadas com uma série de detalhes arquitectónicos como cornijas, cantarias, estatuária, ou varandas em ferro fundido ou forjado, juntamente com arquitectura Arte Nova e Art Déco.

A segunda metade do século XIX poderá ser considerada como o grande arranque da Portimão que conhecemos hoje. Com a exportação de figos a ser encarada de uma forma capitalista, com os produtores locais a colocarem eles próprios os produtos no mercado estrangeiro, e o início da transformação da cortiça e da conserva e peixe, a cidade sofre o que por norma se chama um *take off*, aproveitando a Regeneração fontista. Semelhante pujança económica provoca uma maior atracção de pessoas à cidade, com a cidade a ganhar novos núcleos habitacionais como o Sapal (que se erguia sobre os despojos do antigo bairro destruído pelo terramoto), os quarteirões que ficavam delimitados entre o cemitério e a Rua Infante D. Henrique com profusão de pequenos armazéns adossados às habitações, além de pequenas unidades produtivas como lagares e fumeiros, e o Bairro da Cruz da Pedra, localizado junto da zona de S. José, onde foi criada a primeira fábrica de conservas de peixe por cozedura no concelho, havendo também por lá uma grande actividade a nível da construção naval, com a antiguidade de ocupação da área a ser marcada pela capela de S. José, templo católico cuja origem parece apontar para o século XVII. Os fumeiros também se localizavam nas imediações, para além da profusão de pequenas hortas nas redondezas. Outro dado interessante sobre este núcleo é que fica localizado entre duas zonas nascida do desenvolvimento que a vila estava a beneficiar na altura: a Rua Infante D. Henrique, criada depois da construção da ponte

rodoviária, para a qual serviria de via de acesso/escoadouro, estando integrada no novo traçado rodoviária longitudinal do Algarve, cuja construção teve a influência do Visconde de Bívar, deputado, Par do Reino e portimonense; e a linha férrea, que delimitaria os limites da cidade até meados dos anos 70, quando as Cardosas começaram a ganhar a sua forma.

No âmbito da presente análise deve-se salientar a importância da identificação e recolha de Património Cultural Imaterial relativo aos locais que, neste perímetro urbano, remetem para a memória colectiva local e que são tidos como marcos na construção identitária dos seus habitantes. Estes “locais”, que poderão ser ruas, praças, jardins, edifícios, urbanizações, etc., transportam consigo *estórias* que ainda se conservam e reconstróem nas representações sociais e oralidade dos portimonenses.

O trabalho de identificação da vertente “imaterial” do património, assenta na recolha das “práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhe estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural.”⁴

O levantamento do património imaterial visa contribuir para a contínua documentação e construção da história local, na sua vertente mais etnográfica. Longe de se pretender com este levantamento uma cristalização da memória, perspectiva-se com o resgate do nosso passado recente, antes que o desaparecimento das gerações mais antigas o apague, criar uma ferramenta dinâmica de aceitação e compreensão da mutabilidade dos fenómenos, valorizando as singularidades desta população enquanto grupo cultural.

Como tal, constitui nosso objectivo identificar, junto da comunidade portimonense, as expressões e manifestações socio-culturais que se relacionam com a sua inserção urbana e física no território, passíveis de terem interesse para compreender a sua evolução física e cultural e salvaguardar a identidade do local, nomeadamente através de uma planificação sustentada de futuras intervenções.

Este levantamento consiste no registo e inventariação física na respectiva cartografia, dos temas ou categorias de interesse abaixo enunciados, procedendo-se à sua fundamentação, através, por um lado, de uma contextualização bibliográfica e documental junto de algumas fontes locais, designadamente as coleções do Museu e os fundos arquivísticos e iconográficos do Centro de

⁴ Convenção da Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003).

Documentação e Arquivo Histórico. Por outro, grande parte do trabalho recai na recolha oral, junto da comunidade local, de testemunhos que, no terreno, nos identifiquem os pontos de interesse, avivando as suas memórias e narrativas, devidamente registadas (fotografia, registo áudio).

Como tal, procede-se à identificação, no centro urbano da cidade de Portimão, de:

1. Vestígios arquitectónicos e estruturas físicas de actividades, cujos saberes espelham a vocação marítima local e a relação dos habitantes com o rio: fábricas de conservas de peixe, estaleiros, outras unidades industriais (fundição, litografia, etc.), antiga lota, pontões, armazéns de redes, alfândega, etc;
2. Estruturas residenciais que remetem para a história local, nomeadamente a industrial, como por exemplo os bairros operários. Para além das memórias que aludem às vivências quotidianas dos antigos trabalhadores das fábricas, importa perceber como é que estes espaços evoluíram nas representações de quem aí mora.
3. Edifícios industriais que traduzem actividades, saberes, sazonalidades e dinâmicas locais que articulam a industrialização e a herança rural do município: fumeiros, lagares, adegas;
4. Vestígios diversos da arquitectura tradicional local, que nos remetem para o uso de certos materiais e técnicas construtivas locais e para o uso tradicional dos espaços domésticos;
5. Locais ligados às artes e ofícios de cariz tradicional, característicos de certas zonas da cidade (latoeiro, ferrador, barbeiro, correeiro, abegão, sapateiros...). Registo de memórias ligadas ao seu período de actividade, aos seus saberes, técnicas e tecnologias, eventuais evoluções ou adaptação a novas actividades;
6. Locais festivos, de convívio ou crença (festas dos santos populares, procissões, feiras, mercados, etc), ou socialmente significativos (associações, colectividades, cafés, tascas e mercearias);
7. Usos e costumes locais que traduzem modos de vida, associados a certos espaços (por ex.: antigos espaços onde as mulheres lavavam as roupas, etc.).

Por fim, importa referir que toda esta zona tem vindo a ser alvo de levantamento e inventariação por parte do sector de Património, no decurso da elaboração da componente patrimonial do próximo Plano Director Municipal de Portimão (estendendo esta acção ao resto do concelho), acabando por se tornar num instrumento essencial de apoio à elaboração de pareceres técnicos de âmbito patrimonial, em resposta a pedidos de licenciamento em áreas de sensibilidade patrimonial. Importa salientar que o trabalho desenvolvido, tal como todo o trabalho de inventário, assume um carácter contínuo, sendo objecto de constante reavaliação.

Bibliografia

AAVV (2012) - *REVISÃO DO PDM DE PORTIMÃO. Estudo de Caracterização Patrimonial*. CMP – Museu de Portimão.

BAPTISTA, B. (2011) – Acompanhamento arqueológico na Rua Damião Lopes Faria e Castro, 8/10/12 e Beco dos Caldeireiros, 10/12, Portimão. Relatório Final, Abril de 2009. Vila Nova de Gaia: Empatia – Arqueologia, Lda., [policopiado].

BARBOSA, P. G.; CANTO, P.; SOARES, I. (2002) – *Intervenção arqueológica na Praça da Republica em Portimão. Relatório final dos trabalhos realizados em 2000 e 2001*. Câmara Municipal de Portimão/ Instituto Estudos Regionais e Municipalismo da faculdade de Letras de Lisboa, [policopiado].

CARRAPIÇO, F. J.; PALHINHA; J. A., BRAZIO, J. M. (1974) – *As muralhas de Portimão. Subsídios para o estudo da história local*. Portimão: Câmara Municipal de Portimão.

CARRAPIÇO, F. J.; PALHINHA, J. A. (s.d.) – *A antiga Misericórdia de Portimão*. Portimão.

CORREIA, J. E. C. H. (1984) – “A Arquitectura do séc. XVI ao séc. XIX. Tentativa de caracterização.” In *4º Congresso do Algarve*, vol. I. Lisboa: Racal Clube, p. 197-202.L

COSTA, R. F. Gaidão P. B. (2007) – *Relatório final de trabalhos arqueológicos. Acompanhamento e escavação arqueológica. Gaveto das ruas 5 de Outubro e rua Nossa Senhora da Tocha, Portimão*. Évora: ArkeoHabilis – Arqueologia e Paisagem, Lda., [policopiado].

COUTINHO, Valdemar (coord.) (2001) – *Dinâmica Defensiva da Costa do Algarve do período islâmico ao século XVIII*. Portimão: Instituto de cultura Ibero - Atlântica.

DIOGO, A.M. Dias; CARDOSO, J. P.; REINER, F. (2000) – “Um conjunto de ânforas recuperadas nos dragados da foz do rio Arade, Algarve”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: IPA, vol. 3, n.º 2, p. 81-117.

DIOGO, A.M. Dias; CARDOSO, J. P. (1992) – “Cerâmica campaniense proveniente da foz do Arade (Portimão)”. *Artefacto*, vol. 1, p. 9-11.

DUARTE, Maria João Raminhos (2003) - *Industriais Conserveiros na 1a metade do Século XX*. Lisboa: Colibri.

ESTRELA, Susana (2006) – *Intervenção arqueológica na Rua de Santa Isabel, n.º 39, 41-43, Portimão. Relatório final dos trabalhos*. Lisboa, [policopiado].

FILIFE, Iola (2008) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos. Sondagens de diagnóstico. Rua de Santa Isabel, 47-53, Portimão*. Lisboa: Era – Arqueologia, [policopiado].

GATO, V. (2008) – *Rua Machado Santos, n.º 5, 7 e 9 e Rua Machado Santos, n.º 5, 7 e 9 e Rua Luís Alves Antão, n.º 4 (Portimão – Centro Histórico). Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados em Agosto e Setembro de 2007*. [policopiado].

GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa Varela (1988) – *Levantamento arqueológico - bibliográfico do Algarve*. Faro: Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura.

GUEDES, Lívio da Costa (1988) - *Aspectos do reino do algarve nos séculos XVI e XVII: a descrição de alexandre massai (1621)*. Lisboa: Arquivo Histórico-Militar.

GUERREIRO, M. Viegas (1980) – *Frei João de S. José e a sua Corografia do reino do Algarve. 1577. Apresentação Crítica*. Universidade do Algarve.

GUERREIRO, M. V. MAGALHÃES, J. R. (1983) – “Duas descrições do Algarve do século XVI”. *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, Lisboa, n.º 3, p. 182.

FERNANDES, José Manuel, JANEIRO, Ana (2005) - *Arquitectura no algarve dos primórdios à actualidade: uma leitura de síntese*. Faro: CCDRA.

LAMEIRA, Francisco (1988) - *Itinerário do barroco no Algarve*, Faro: Delegação Regional do Sul da Secretária de Estado da Cultura.

LAPA, Albino, (1959) - *Portimão, cidade duas vezes e o compromisso dos seus pescadores*. Lisboa.

LEAL, A. Pinho (1876) – *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario Geographico, Estatístico, Chorographico, Heráldico, Archeologico, Histórico, Biographico e Etymologico*. Lisboa: Ed. Mattos Moreira & Companhia.

Livro do Almojarifado de Silves (século XV). Silves: Câmara Municipal de Silves.

LOPES, J. B. da Silva (1841) – *Corografia ou Memoria económica, estadística e topográfica do Reino do Algarve*. Lisboa: Academia das Sciencias de Lisboa.

MARQUES, M.^a da Graça Maia; VENTURA, M.^a da Graça M. (1990) – *Foral da Vila Nova de Portimão. 1504*. Portimão: Câmara Municipal de Portimão.

(1993) - *Portimão*. Lisboa: Editorial Presença.

MARQUES, Teresa (coord.) (1992) – *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagoa, Silves, Albufeira, Loulé e S. Brás de Alportel*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/ Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, vol.1.

MATOS, C. (2009) – *Realização de Intervenção Arqueológica: Sondagens Estratigráficas de Diagnóstico e Sondagem Parietal. Construção de Edifício multifamiliar – Rua do Forno, n.º 41, Portimão. Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos*. Évora: ARKHAIOS – Profissionais de Arqueologia e paisagem, Lda., [policopiado].

MORÁN, E. (2011) - *Rua Estêvão de Vasconcelos, 1 (Portimão). Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados em Fevereiro de 2011*. [policopiado].

MAGALHÃES, Natércia (2008) – *Algarve, Castelos, Cercas e Fortalezas. As muralhas como Património Histórico*. Faro: Direcção Regional de Cultura do Algarve/ Letras Várias.

NUNES, Joaquim António (1956) – *Portimão*. Lisboa: Casa do Algarve.

PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DE PORTIMÃO (1996) – Património Arqueológico, Vol. II, Portimão.

PINTO, M.^a H. Mendes; PINTO, V. R. Mendes (1962) – *As Misericórdias do Algarve*. Lisboa: Ministério da Saúde e Assistência;

RAMOS, Manuel Castelo (1986) - *Vãos Arquieocónicos do Tsrdo-Gótico Algarvio*. Lisboa: [policopiado].

SANTOS, M.^a Luísa Estácio da Veiga Affonso dos (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve. Subsídios*, vol I. Lisboa: AAP.

(1972) – *Arqueologia Romana do Algarve. Subsídios*, vol II. Lisboa: AAP.

SANTOS, P. (2008) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos. Acompanhamento arqueológico. Rua de Santa Isabel, 47-53, Portimão*. Era – Arqueologia, [policopiado].

SCHUBART, Hermanfrid (1975) - *Die Kultur der Bronzezeit in Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin, Walter de Gruyter & Co., (Madrider Forschungen), 9 Vols.

SILVA, C. Tavares; COELHO-SOARES, A.; SOARES, J. (1987) – “Notas sobre o material ânforico da Foz do Arade”, *Setúbal Arqueológica*, VIII, p. 203-219.

s.n. (1983) – “ Os subterrâneos de Portimão. Um mundo desconhecido que era de conhecer.” *Crónica do Algarve*, ano 1^o, n.º 2, p. 12-13.

(1984a) – “Portimão, cidade romana? importante achado arqueológico poderá clarificar a história da cidade”. *Barlavento*, ano IX, n.º 385, p. 12.

(1984b) – “Confirmada ocupação romana em Portimão”. *Barlavento*, ano IX, n.º 387, p. 3.

SOARES, I.; GATO, Vanda (2006) – *Acompanhamento arqueológico na Capela da Visitação de Santa Isabel. Rua Santa Isabel, n.º 39, 41 e 43, Portimão. Relatório dos trabalhos*. Museu de Portimão.

TEICHNER, Félix (1997) – “Note sur le fonds numismatique romain de foz do Rio Arade (Portimão, Portugal) “. *Conimbriga*, 36, p. 123-160.

VASCONCELLOS, José de Leite de (s.d.) – “Inscrição inédita de Mercúrio em Moura e vários costumes sepulcraes da epocha romana em Portugal”. [s.l.], p. 1-4.

(1904) – “ Explorações arqueológicas no Algarve em Março de 1904”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA, 1^a série, 9, p. 173-181.

(1908) – “Antigualhas”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA 1^a série, 13, p. 351-352.

(1917) – “Coisas Velhas”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA, 1^a série, 22, p. 107-169.

(1918) – “Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA 1ª série, 23 p. 104-138.

(1927) – *De terra em terra: Excursões arqueológicas – etnográficas através de Portugal (Norte, centro e Sul)*. Lisboa, Imprensa nacional – Casa da Moeda, S.A., vol. 1 e 2.

(1927-29) – “Estudos da época do Bronze em Portugal”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA, 1ª série, 28, p. 201-203

(1934) – “Povoações Portuguesas vindas do passado”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA, 1ª série, 29, p. 1089-209.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. I.

(1887) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. II.

(1889) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. III.

(1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. IV.

(1905a) – «Antiguidades Monumentais do Algarve. Capítulo III», *O Arqueólogo Português*. Vol. X, Lisboa: MNA, p. 8-14.

(1905b) – «Antiguidades Monumentais do Algarve. Capítulo IV», *O Arqueólogo Português*. Vol. X, Lisboa: MNA, p. 107-118.

(1910) – «Antiguidades Monumentais do Algarve. Volume V. Tempos históricos», *O Arqueólogo Português*. Vol. XV, Lisboa: MNA, p. 29-44.

VIDIGAL, L. (1993) – *Câmara, Nobreza e Povo. Poder e Sociedade em Vila Nova de Portimão (1755-1834)*. Portimão: Câmara Municipal de Portimão.

VIEIRA, P.e José Gonçalves (1996) - *Memória Monográfica de Portimão. Edição fac-similada do original de 1911 "Memória Monographica da Villa Nova de Portimão"*. Portimão: Junta da Freguesia de Portimão.

Fichas de caracterização